

**Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:**

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

# Adorno e a dialética do amor não-idêntico: barbárie ou humanização

**Adorno and the dialectic of non-identical love: barbarian or humanization**

**El Adorno y la dialéctica del amor no idéntico: barbarie o humanización**

**Sílvia Rosa da Silva Zanolla**

Universidade Federal de Goiás, (UFG-GO), Goiânia, Brasil

[silvianzanollaufg@hotmail.com](mailto:silvianzanollaufg@hotmail.com)

**Resumo:** O Amor em Adorno ultrapassa o sentido subjetivista e romântico e considera contradições inerentes à teoria do conhecimento; constitui fonte de representação social ideológica, mediada pela relação entre sujeito e objeto. Nessa medida suas contradições o eleva a construto cultural perpassado pela dialética negativa. Logo, para Adorno, o amor é um princípio de aspiração humanista ao lado de valores como: ética, esperança, gratidão, bondade, solidariedade, justiça e democracia. Tais valores, se desmistificados, postulam oposição à frieza, ao totalitarismo e ao horror do nazismo e do fascismo; em resistência ao sofrimento, preconceito e à barbárie recorrentes na civilização. Não obstante, desmistificar o amor ideal e romântico, como a outros valores configura experiência autorreflexiva, não-idêntica e formativa com vistas a uma sociedade consciente, emancipada e humanista, que reconhece riscos de alienação e inversão de totalidade a totalitarismo, democracia a pseudodemocracia. O amor consciente, verdadeiro e crítico transpõe-se em iminente ação social. À luz de Adorno, o amor dialético pressupõe

esperança de uma real sociedade justa em termos políticos, culturais e sociais.

**Palavras-chave:** Adorno. Amor. Dialética negativa. Barbárie. Educação. Teoria crítica.

**Abstract:** Love in Adorno goes beyond the subjectivist and romantic sense and considers contradictions inherent to the theory of knowledge, constituting a source of ideological social representation, mediated by the relationship between subject and object. To that extent, its contradictions elevate it to a cultural construct permeated by negative dialectics. Therefore, for Adorno, love is a principle of humanist aspiration alongside values such as: ethics, hope, gratitude, kindness, solidarity, justice and democracy. Such values, if demystified, postulate opposition to the coldness, totalitarianism and horror of Nazism and Fascism; in resistance to the suffering, prejudice and barbarism recurrent in civilization. However, demystifying ideal and romantic love, as with other values, configures a self-reflexive, non-identical and formative experience with a view to a conscious, emancipated and humanist society, which recognizes risks of alienation and inversion of totality to totalitarianism, democracy to pseudo-democracy. Conscious, true and critical love is transposed into immanent social action. In the light of Adorno, dialectical love presupposes hope for a real just society in political, cultural and social terms.

**Keywords:** Adorno. Love. Negative dialéctic. Barbarism. Critical theory.

**Resumen:** El amor en Adorno va más allá del sentido subjetivista y romántico y considera las contradicciones inherentes a la teoría del conocimiento, constituyendo una fuente de representación social ideológica, mediada por la relación entre sujeto y objeto. En esa medida, sus contradicciones lo elevan a una construcción cultural

permeada por dialéctica negativa. Por eso, para Adorno, el amor es un principio de aspiración humanista junto a valores como: la ética, la esperanza, la gratitud, la bondad, la solidaridad, la justicia y la democracia. Tales valores, si se desmitifican, postulan oposición a la frialdad, totalitarismo y horror del nazismo y el fascismo; en resistencia al sufrimiento, al prejuicio ya la barbarie recurrente en la civilización. Sin embargo, desmitificar el amor ideal y romántico, como ocurre con otros valores, configura una experiencia autorreflexiva, no idéntica y formativa con miras a una sociedad consciente, emancipada y humanista, que reconoce riesgos de alienación e inversión de la totalidad al totalitarismo, la democracia a la pseudodemocracia. El amor consciente, verdadero y crítico se transpone a la acción social inmanente. A la luz de Adorno, el amor dialéctico presupone la esperanza de una verdadera sociedad justa en términos políticos, culturales y sociales.

**Palabras clave:** Adorno. Amor. Dialéctica negativa. Barbarie. Educación. Teoría crítica.

*Data de submissão: 06/09/2023*

*Data de aprovação: 06/09/2023*

Em um contexto em que o mundo assistiu ao horror (ir)racional e genocida do Nazismo e do Fascismo entre os anos de 1920 e 1945, o filósofo, sociólogo e musicista Theodor Adorno externalizou conceitualmente em sua obra **Dialéctica negativa** (1984), toda a dor de presenciar na pele as consequências de tal crueldade pela ignorância humana: “O que há de doloroso na dialética é a dor, elevada ao conceito, pela pobreza desse mundo” (1984, p. 14). Tal elaboração não poderia ser mais coerente em termos estéticos e políticos com a vida e o conjunto da obra deste frankfurtiano (JAY, 1973). Adorno projeta seu olhar crítico e humanista - ao expressar teoricamente de modo sensível -, à relação dialética entre sujeito e objeto o que deveria ser incompreensível à uma verdadeira humanidade que se propõe justa, consciente e emancipada (ADORNO, 1984; 1995a; 1995). Nessa medida, em meio ao desenvolvimento tecnológico e econômico, tal expressão confronta a idealização do conhecimento como esclarecimento que, ao ser mistificado como um fim último, se rendeu às ideologias totalitaristas (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Fato incontestável é que o fascismo não é um modelo político, cultural ou teórico compatível com o que se entende por uma civilização de nobres princípios e valores humanos. Logo, a ‘dor da dialética’ é a ‘dor da conciliação totalitarista e desumana entre sujeito e objeto’. A teoria crítica adorniana tem como princípio sociohistórico analisar a humanidade considerando a relação dialética entre universal e particular, teoria e prática, subjetividade e objetividade (ADORNO,

1984; 1985; 1995a). Nesse aspecto, a desumanidade histórica pela qual perpassa a sociedade reflete a não superação da barbárie recorrente em sentido material e humano (1995b).

Devido à complexidade do seu pensamento, Adorno, não raras vezes é considerado idealista, pessimista ou elitista (LUCAKS, 1978; SAFATLE, 2012). Por ironia da própria dialética, sua produção fala por si ao se observar o crescimento do fascismo de modo variado nos dias atuais. Não obstante, 'há que se manter viva a lembrança da recorrente, vergonhosa e incompreensível história do fascismo para que as forças que estimulam a barbárie sejam impedidas (ADORNO, 1984; 1993; 1994; ;1995a; 1995b: ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Segundo Adorno (1995b), contra a barbárie há que se enfrentar tabus culturais pela educação e a formação de valores como ação política (1995a). Nessa medida, o conceito de Amor, como diria Adorno (1995b), manifesta o contrário da barbárie permeada pela frieza desumana. Logo, amar é experiência social vinculado ao calor humano, à ética e à solidariedade; indica consciência crítica que perpassa teoria e prática em termos dialéticos. O amor é contrário a práticas imediatistas de ações narcísicas – egóicas e individualistas, indiferenciadoras, antireflexivas, pragmáticas, alienadas (1995a; 1995b; 1994) -; contrário à dor e ao sofrimento, vinculados à barbárie. Se o amor é uma experiência dialética, isso inclui reconhecer suas contradições ideológicas inerentes ao princípio burguês de

onde este emerge romântico e idealizado; assim, fetichizado apropriado pelo capitalismo (ADORNO, 1993; ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Com efeito, a concepção adorniana de amor não negligencia aquilo que é o seu oposto como possibilidade de inverter a história, suas contradições em meio à própria racionalidade: o esclarecimento como um fim em si mesmo 'dialético' (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Nessa medida, a "dolorosa dialética" escancara a conciliação absolutista e indiferenciadora – totalitária –, entre sujeito e objeto: a 'mediação da mediatez' (ADORNO, 1984). Fato que trai a experiência crítica e consciente por simbiose e perda da tensão dialética da afirmação e negação constitutiva de sujeito e objeto. (ADORNO, 1984; 1994; 1995a; 2013). Afinal, o risco de subjetivizar de modo 'psicologizante' e abstrato o amor em sentido romanceado deve ser questionado a fim de não se desviar da análise sociológica crítica. Portanto, assim desmistifica-se seu caráter ideológico burguês.

A relação de troca, à qual o amor opõe uma resistência parcial ao longo da era burguesa, absorveu-o completamente; a última imediatez cai vítima do distanciamento em que os contratantes se encontram de todos os demais. O amor esfria pelo valor que o Eu atribui a si mesmo. Amar, em seu caso, aparece-lhe como um mais amar e quem ama mais põe-se no erro (ADORNO, 1993, p. 147).

Não obstante, o amor ideal burguês é mediado por representações sociais e seu potencial ideológico atinge o

universo cultural e político. Logo, sofrimento e adoecimento, contrários ao amor reverberam em um sujeito coisificado e alienado e antiético. A ‘Dor conceitual’ em Adorno denuncia a barbárie racionalizada e administrada em termos políticos; a incapacidade de se realizar experiências verdadeiramente solidárias e justas (ADORNO, 1995b). Para Adorno (1984), em consonância com o amor, a ética não deve ignorar componentes psicológicos em meio a aspectos sociohistóricos; admitir a subjetividade impõe olhar sobre suas contradições. Assim: “A ética antipsicológica converge para traços psicológicos posteriores” (p. 279).

Isso considerado, o sofrimento também é categoria dialética que compõe universal e particular: “A particularidade da sociedade, por mais sombria que seja, se volta como um todo contra o sofrimento” (1984, p. 204). Logo, negar o sofrimento também seria ideologia ‘harmonicamente’ alienante. Para Adorno (1984; 1993), carece denunciar a dor em todas as suas nuances, inclusive a física, que tende a ser ocultada por ideologias produtivistas como manifestação de fraqueza ou incompetência. Não obstante, o amor, assim como a dor se banalizado, arrisca o psicologismo imediatizado: “Amar significa ser capaz de não deixar a imediaticidade atrofiar-se por força da onipresente pressão da mediação, da economia, e nessa fidelidade ela se mediatiza em si mesma, torna-se uma obstinada contrapressão. Só ama quem tem força para persistir no amor” (ADORNO, 1993, p. 151). Apesar disso, por mais que seja possível ao amor insurgir

contra a opressão, não o é suficiente para impedir que a ideologia viole a vida plenamente livre do sofrimento devido às suas mediações. Segundo Freud (1973a), o sofrimento se vincula à ideia da morte como ilusão racionalista ideológica. Para Adorno a morte é deturpada quando,

A metafísica corrente da morte não é senão o impotente consolo da sociedade pelo fato de que as mudanças sociais têm usurpado aos homens o que antigamente os fez suportarem a morte, a saber, o sentimento de sua unidade épica com uma vida intacta [...] A ilusão da comensura da morte com sua a vida desapareceu e eles são incapazes de assimilar que têm de morrer (ADORNO, 1984, p. 369).

A morte idealizada como metafísica da pseudototalidade é a ‘supersticiosa esperança de eternidade’, como fuga da realidade e de sua transformação: “Por outro lado, o pensamento de que a morte seja simplesmente o último suspiro é impensável” (p. 371). Adorno ressignifica a ‘esperança’ – em sentido crítico –, a ilusão evidencia que não há o que transformar na sociedade conformada, logo: “O desespero é assim a última ideologia condicionada histórica e socialmente” (p. 373).

Para Adorno (1993), contrário ao amor, a ideologia da morte tem sua razão em qualquer tipo de dor e sofrimento infligidos pela lógica social. Isso inclui a incapacidade da civilização de superar estados de dominação subjetivos, econômicos e políticos. Contextos trágicos perpassados pelo horror como no caso do nazismo e do fascismo indicam

condição de idealização desta realidade. O massacre de milhões de judeus, entre negros, ciganos, homossexuais e opositores de Hitler (1889-1945) indica ilusão, racionalidade e morte: “O genocídio consagra a união absoluta dos conceitos com os homens pela sua nulidade, e Auschwitz confirma a teoria filosófica que equipara a pura identidade com a morte” (ADORNO, 1984, p. 362). Assim como o sofrimento, dor e morte, a ilusão de Felicidade também oculta sua razão de ser a serviço da estrutura social. Diante disso, Adorno ancora-se na psicanálise a partir da idealização romântica absolutizante: “felicidade é o único da experiência metafísica que é mais que desejo impotente, nos dá o interior dos objetos como algo por sua vez liberado deles” (1984, p. 374). Apesar de contraditória, a felicidade se coloca possível ao lado da Gratidão e da Dignidade,

Com a felicidade as coisas não são diferentes do que se passa com a verdade: nós não a temos, mas sim, estamos nela. Com efeito, a felicidade nada mais é que estar envolvido, uma cópia da segurança dentro da mãe. Mas, por isso, quem é feliz jamais pode saber que o é. Para ver a felicidade, ele teria que sair dela: seria como alguém que nasceu. Quem diz que é feliz mente ao invocar a felicidade, e assim peca contra ela. A ela só é fiel quem diz: eu era feliz. A única relação da consciência com a felicidade é a gratidão: nisto consiste sua incomparável dignidade (ADORNO, 1993, p. 97).

A felicidade é desmistificada ao passo que não há como sustentar o ideal de um indivíduo plenamente feliz em sua constituição histórica, psíquica e física. Para Freud (1973), há no máximo “momentos de felicidade”, já que o ser humano passa a vida lidando com a incompletude e o desamparo como necessidade de aceitação social, e isso leva as frustrações, renúncias e desejos reprimidos. Lidar com tal desamparo determinará a aceitação, realização e adaptação social (FREUD, 1973).

Uma vez que sofrimento e morte, contrapõe idealmente ao amor, Adorno alia-o à gratidão consciente como possibilidade de superação dos instintos mais primários rumo à consciência como elemento de dignidade em termos coletivos e individuais (ADORNO, 1993). Gratidão é caminho para a diferenciação – contrário de desigualdade -, levaria à Paz em sentido dialético: “[...] do ponto de vista da teoria do conhecimento, a relação entre sujeito e objeto está na paz realizada, tanto entre os homens como no outro que não eles. A paz é um estado de diferenciação sem dominação no qual o diferente é compartilhado” (ADORNO, 1995a, p. 184). Nessa medida, a paz se alia ao amor pela vontade que dá sentido histórico à humanização. Portanto, vontade também impõe contradições ideais desde Kant:

A objetificação dos impulsos singulares em forma de vontade sintetizante e determinante é uma sublimação, mentiroso desvio do objetivo primário do impulso, que é assim deslocado e assumido na duração. A racionalidade da vontade descreve fielmente em Kant tal desvio. Ela converte em outra coisa, seu 'material', impulsos difusos. Quando destacamos em um homem sua vontade, nos referimos ao elemento sintético de suas ações, a saber: sua subordinação à razão [...] A ética kantiana outorga à totalidade do sujeito o predomínio sobre seus componentes; só nelas consiste sua vida e, no entanto, fora dessa totalidade não haveria vontade (ADORNO, 1984, p. 238).

Não obstante, não basta para compreender o amor a vontade desprovida de ação concreta. Segundo Adorno: "Por toda a parte a sociedade burguesa insiste no esforço da vontade; só o amor deve ser involuntário, pura imediatez do sentimento. Nesta aspiração, que significa a dispensa do trabalho, a ideia burguesa do amor transcende a sociedade burguesa" (1993, p.p. 150-151). Logo, o amor constitui esperança de uma vontade consciente.

A consciência crítica adorniana dialoga com a vontade individual que é inescapável da ideologia da razão totalitarista como pseudo Liberdade, posto que: "Assim que a liberdade encontrou nele um aliado, o sujeito se converte em moral para si mesmo e não pode ser suspeito segundo o que lhe é estranho, a saber: segundo o particular, seja

interno, ou externo” (ADORNO, 1984, p. 238). Tal antinomia da categoria de liberdade e sua identificação com a consciência denuncia a inversão ideológica de universal a particular, sujeito a objeto, igualdade a diferenciação, não-idêntico a sempre-idêntico (ADORNO, 1984; 2013: ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Uma vez que o conhecimento ordena a produção cultural e política em desigualdade, o trabalho e a Igualdade não fogem aos mitos e contradições históricas: “Antes, os fetiches estavam sob a lei da igualdade. Agora, a própria igualdade torna-se fetiche” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 30). Uma vez que, por princípio, o amor é da ordem da igualdade bem como da justiça, sua representação social como expressão máxima de calor humano sofre um revés diante da sua administração e racionalização ideológica, inclusive ao ser fetichizado e confundido com paixão e sexualidade aversiva; o amor se sobrepuja:

Não é o amor inebriante, mas ao amor socialmente aprovado que se segue o nojo: segundo Ibsen, este amor é pegajoso. Quando a pessoa está tomada de um sentimento erótico, o cansaço transforma-se no pedido de carícias, e a incapacidade sexual momentânea é considerada algo casual, totalmente exterior à paixão (ADORNO, 1993, p. 154).

Mormente, o amor romântico se opõe ao sexual cristalizado por tabus e preconceitos pouco formativos no sentido consciente; ‘extremado, se torna a desculpa para não amar’. Ainda assim, “cada um deseja em segredo ser

amado mesmo quando ele próprio não ama: não menos indiscriminada e universal que a alienação entre as pessoas é o anseio de rompê-la” (ADORNO, 1993, p. 157). Se há coerência no amor ao concretizar a verdadeira igualdade em termos políticos e institucionais não há como desconsiderar o princípio da Justiça contraditória: “A venda sobre os olhos da Justiça não significa apenas que não se deve interferir no direito, mas que ele não nasceu da liberdade” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 30). Isso seria suficientemente simples, se não fosse o próprio Direito - guardião da justiça como instituição -, um valor permeado pela dialética em sua origem: “Por mais que a doutrina positiva do direito natural leve a antinomias, enquanto se desenvolve concretamente, sua ideia conserva a falsidade do direito positivo [...], dominação” (ADORNO, 1984, p. 308). Com efeito, aliado à justiça como ideal, o Direito, doutrina universal totalitaria-se ao usurpar da igualdade em justificativa de poder político pela defesa do falso bem-comum, privilegiando o individual em nome do coletivo (ADORNO, 1984). Tais paradoxos referentes à justiça ao longo da história idealizam e cristalizam igualdade e liberdade idealizando-as e impedindo a verdadeira democracia. Contudo, a real justiça para uma consciência verdadeiramente democrática em termos políticos, depende de condições sociais para emancipação por aptidão à Coragem:

A exigência de emancipação é evidente em uma democracia [...] A democracia repousa na formação consciente da vontade de cada um em particular, tal como ela sintetiza na instituição das eleições representativas. Para evitar um resultado irracional é preciso pressupor a aptidão e a coragem de cada um em se servir de seu próprio entendimento (ADORNO, 1995b, p. 169).

Emancipação requer experiências subjetivas críticas e reflexivas, aptidão e coragem e, ainda, um conhecimento oposto à pseudo atividade, à imediatez e ao pragmatismo da razão administrada pela política fetichizada que danifica a vida (ADORNO, 1984). A psicanálise contribui para compreender a pseudoatividade, ou, a incapacidade de realizar experiências reais amorosas. Uma ilusão de ação consciente reflete conciliação entre sujeito e objeto e assim, subjetividade e objetividade se absolutizam anulando-se abstratamente à medida que o instinto primário – agressividade inconsciente -, não elaborado (consciente), tende a conservar práticas irracionais que, racionalizadas e imediatistas, promovem a frieza contrária ao amor reflexivo:

A pseudoatividade é provocada pelo estado das forças produtivas técnicas, estado que, ao mesmo tempo, a condena à ilusão [...]. Não se pode separar simplesmente racionalidade de autoconservação, assim como também não se pode separar desta o Eu, a instância subjetiva que serve à racionalidade [...]. É verdade que a construção de uma realidade é imposta, em definitivo, pelas barreiras objetivas; ela é psicologicamente mediada, e a paralisia do pensamento está condicionada pela dinâmica pulsional [...]. Pode-se verificar aqui, antes de mais nada, o prolongamento da tese freudiana de psicologia das massas e análise do ego, segundo a qual as imagens próprias da autoridade possuem subjetivamente o caráter da falta de amor e de relação com os demais, o caráter da frieza (ADORNO, 1995, p.p. 217-221).

Uma vez que a frieza é elemento subjetivo que ressoa objetividade, um estado oposto à consciência, à verdadeira experiência concreta transformadora, essa é uma das razões pelas quais o amor recebe atenção especial de Adorno, além disso, por consistir no contrário da frieza sua base subjetiva evitaria a barbárie (ADORNO, 1993; 1994; 1984; 1995a; 1995b). O amor carrega em si conceitualmente o sonho humanizador da experiência de espíritos verdadeiramente solidários, justos e éticos. Em Adorno, o verdadeiro amor só poderá ser reconhecido a partir de uma educação crítica e criativa para a emancipação e a experiência autorreflexiva, como esperança de frear os rumos desumanos da barbárie em sentido amplo: como resistência (ADORNO, 1993; 1984; 1995a; 1995b; 1994).

Logo, onde falta amor real sobra ideologia totalitária conciliada: deformação, coisificação da consciência.

A frieza apodera-se de tudo o que fazem, da palavra amistosa, que permanece impronunciada, da consideração que não é praticada. Essa frieza acaba repercutindo naqueles que emana. Toda relação não deformada, talvez até mesmo aquilo que é conciliador na vida orgânica, é um dom. Quem se torna incapaz disso pela força lógica da coerência faz de si uma coisa e deixa-se congelar (ADORNO, 1993, p. 36).

A recorrência histórica da frieza, reafirma o que Adorno (1995b) alertou ao buscar na educação, 'que Auschwitz não se repetisse' (p. 119). Contrário a isso, mantém-se as injustiças e atitudes totalitaristas de políticas antidemocráticas e excludentes, desprovidas de solidariedade. Com efeito, entende-se que ensinar sobre o amor, paz, bondade, igualdade, justiça, solidariedade, coragem e compaixão mobiliza a educação e a cultura em perspectiva sociohistórica, materialista e política.

Nessa medida, uma vez que o fracasso da humanidade em superar o horror e o fascismo em termos subjetivos e políticos está na incapacidade de se estabelecer uma relação dialética entre sujeito e objeto, teoria e prática, valores e atitudes, tal deformação a impede de experienciar o exercício da reflexão crítica. Para Adorno (1984; 1995a), na raiz da frieza está o sempre-idêntico que modela a indiferenciação e a padronização humana, a perda da

dialética entre universal e particular, que indicaria o 'não-idêntico' o diferente e diverso, o oposto do preconceito (ADORNO; HORKHEIMER, 1984; 1995a; 1995b).

Enquanto o amor para Adorno ressalta contradições ideológicas em mediação oposta ao sofrimento e à ignorância isso associa a barbárie e o totalitarismo ao sempre-idêntico e à frieza em meio ao capitalismo, ao passo que a indiferença fascista, a tudo banaliza. Quem lucra com a ilusão ideológica investe na deformação cultural e na inversão de valores, inclusive pela Indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Um amor deformado pela frieza reflete o desamor que atende à ideologia pela irreflexão imediata da paixão e do romantismo.

O amor se entrega à frieza desalmada como a um símbolo do que tem na alma, porque os vivos são para ele o teatro do desejo desesperado de salvar, que só tem por objeto o que está perdido: o amor só descobre a alma onde ela está ausente. Assim, humana é justamente a expressão dos olhos que mais lembram os dos animais, das criaturas distantes da reflexão do Eu (ADORNO, 1993, p. 149).

Uma vez que o amor romântico ou apaixonado não proporciona consciência e sim alienação, à parte dessas contradições como "pura imediaticidade do sentimento", reconhece-se seu potencial de imanência em meio à própria face burguesa, ao passo que se este se posta na cadeia de valores humanistas como um princípio nobre e consciente, constitui resistência.

Mas o caráter involuntário do próprio amor, mesmo onde este não está de antemão organizado de modo prático, contribui para aquele todo a partir do momento em que se estabelece como princípio. Se o amor deve representar na sociedade uma sociedade melhor, ele não é capaz de fazê-lo como um enclave pacífico, mas tão somente numa resistência consciente” (ADORNO, 1993, p. 151).

Como explicado, o amor é um sentimento construído – formado –, culturalmente a partir de princípios humanistas, e assim não poderia estar livre de contradições e a serviço do capitalismo. Logo, o amor burguês não difere da ação produtiva no quesito alienação e assim, suas derivações como solidariedade, bondade e compaixão ou, trabalho, atividade e arte manifestam elaboração racional (ADORNO, 1993). Tal realidade corresponde à ordem da administração da vida oculta pela frieza, como no caso da ideologia da indústria cultural:

A indústria cultural [...] reflete a assistência dispensada aos administrados como solidariedade imediata dos homens no mundo dos competentes. Ninguém é esquecido, todos estão cercados de vizinhos, assistentes sociais [...]. Essa insistência na bondade é a maneira pela qual a sociedade confessa o sofrimento que ela causa: todos sabem que não podem mais, neste sistema, ajudar-se a si mesmos, e é isso que a ideologia deve levar em conta. [...] O *pathos* da frieza de ânimo justifica o mundo que a torna necessária. Assim é a vida, tão dura, mas por isso mesmo tão maravilhosa, tão sadia. A mentira não recua diante do trágico (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 141).

Bondade e Solidariedade se vinculam à Compaixão, contudo, em termos de sua idealização de modo utilitarista para fins políticos ideológicos, contraditoriamente favorecem a frieza,

Mas os grandes ajudantes e benfeitores da humanidade, cujos feitos científicos têm de ser apresentados pelos escritores como atos de compaixão, a fim de extrair deles um fictício interesse humano, funcionam como lugar-tenentes dos chefes das nações, e estes acabam por decretar a eliminação da compaixão e sabem prevenir todo contágio depois de exterminado o último paralítico (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 141).

Diante disso, a emancipação humana só se dará a partir da consciência das contradições nos âmbitos político e conceitual - em termos subjetivos e objetivos -, posto que

o amor não se isenta de arriscar a inverter-se ideologicamente à barbárie pela 'lógica irracionalista administrada' (ADORNO, 2013). Ainda assim, Adorno reivindica o lugar de honra do amor como princípio humanista, mesmo diante de limites de suas representações sociais e culturais. Portanto, ensinar a amar, e não cobrar o amor, seria do plano educacional e formativo com fins emancipatórios contra a barbárie. Em "Educação após Auschwitz" (1995a; 1995b; 1994), Adorno assevera que a emancipação, vinculada ao amor consciente é uma conquista conceitual, histórica, subjetiva, objetiva, possibilidade de conter a desumanização inexorável que assola a civilização. Assim, a psicologia contribui para a reflexão sobre as contradições humanas em meio ao social como impeditivo à emancipação. Se adverte ainda acerca da inversão de sentidos não apenas do amor, mas de valores democráticos a antidemocráticos, tanto universais referentes à totalidade quanto a particulares referentes a totalitários. Portanto, forças políticas do fascismo estão a serviço da barbárie ancoradas ideologicamente em 'táticas' de deformação e inversão da consciência à inconsciência (ADORNO, 1985). Nessa medida, a subjetividade há que ser descortinada:

Como a possibilidade de alterar os pressupostos objetivos, isto é, sociais e políticos, nos quais se incubam tais intenções é, hoje, extremamente limitada, as tentativas para se fazer frente à repetição tão necessariamente desviadas para o lado subjetivo. Com isso, refiro-me também, no essencial, à psicologia das pessoas que fazem tais coisas (ADORNO, 1995a, p. 106).

Uma vez que o amor é um conceito importante para a compreensão da subjetividade como contraponto à frieza e à barbárie, sua articulação com processos formativos emancipatórios faz-se urgente. Tal princípio retoma a ideia kantiana de 'maioridade' como prenúncio da consciência verdadeira; um *a priori* para a superação da deformação ideológica totalitarista. Em *Educação e Emancipação* (1995b), Adorno indica a heteronomia como impeditiva à autonomia e sugere a libertação da menoridade, da dependência, "conforme formulação definitiva de Kant na exigência de que os homens tenham que se libertar de sua auto-inculpável menoridade" (p. 141). Logo, o esclarecimento deveria apresentar condições a essa maioridade, em que o sujeito "[...] servir-se-ia do entendimento sem a orientação de outrem" (p. 169).

Pressupostos formativos para a maioridade no sentido adorniano coadunam com a formação para o amor consciente e não-idêntico, original, da diversidade, em que a autoridade resulta de processo autorreflexivo, interface com a dialética entre sujeito e objeto. A formação cultural crítica

em sentido amplo indica ao sujeito responsabilidades diante de seus atos e escolhas. Isso poderia alertar o sujeito quanto aos riscos de reincidências de Auschwitz, emblema da barbárie, inverso à educação ampla, cultural e humanista.

Quando falo da educação após Auschwitz, refiro-me a duas esferas: em primeiro lugar, educação na infância, sobretudo na primeira; logo, o esclarecimento geral que estabeleça um clima espiritual, cultural e social que não admita a repetição daquilo; um clima, portanto, em que os motivos que conduziram ao horror tenham chegado, na medida do possível, a tornar-se conscientes (ADORNO, 1995a, p. 108).

Para tanto, seria preciso entrever a inconsciência do ódio, da fúria agressiva e da falta de calor humano pelo qual passa a sociedade e nesse caso, a educação contra a frieza é princípio *sine qua non* (ADORNO, 1995a, p. 106). Impedir a frieza a partir de suas origens perante precárias condições materiais e humanas exige uma formação que possibilite uma real autoridade – consciência de seus vínculos e identificações contraditórios -, como condição diferenciada do autoritarismo e manifestação totalitária de repressão, poder e dominação. Nesse sentido, a ideia de Vínculo e Identificação como mediação para a formação de valores na primeira infância encontra na psicanálise potencial contrário à manipulação deformativa pela frieza. Para Adorno as contradições permeiam quaisquer vínculos: “Os assim chamados vínculos facilmente convertem-se em

passaportes sociais – aceitos por uma pessoa com o fim de legitimar-se como honrado cidadão –, ou então produzem odiosos rancores, psicologicamente contrários à sua finalidade original” (ADORNO, 1995a, p. 109). O vínculo cego, imediato e idealizado não agrega valores à formação para a autoridade e para a autonomia e sim para personalidades autoritárias com tendência à perversão e à submissão, ou, de caráter manipulador, ou fraco; o contrário da maioria kantiana: “A única força verdadeira contra o princípio de Auschwitz seria a autonomia, se me for permitido empregar a expressão kantiana; a força para a reflexão, para o não deixar-se levar” (ADORNO, 1995a, p. 110). Se o vínculo não garante autonomia, para Adorno (1995a) a tendência arcaica e regressiva à violência passa por uma cultura invertida pela deformação com fins totalitaristas, de situações fetichizadas, padronizadas, supersticiosas e preconceituosas, tomadas por impulsos destrutivos: “Tudo isso se relaciona, em maior ou menor grau, à velha estrutura autoritária, com certos modos de comportamento do – eu quase dizia –, bom caráter autoritário de antigamente” (p. 112-113).

Contudo, o autoritarismo mantém-se por agentes humanos a seu serviço. Além disso, não há manipulação autoritária desprovida de coletivismo cego. O coletivismo cego reflete a organização de sujeitos apaixonados e exaltados, porém frios, manipuláveis por líderes fascistas, com reações repetitivas, ‘sempre-idênticas’, simbiotizadas: “Pessoas que se enquadram cegamente em coletividades

transformam-se em algo material, desaparecendo como seres autodeterminados” (p. 115). Tal dependência ancora ao mesmo tempo coisificação e fascismo por seus líderes, denominados caráter manipulador.

O caráter manipulador [...] aqueles dirigentes nazistas – distingue-se por sua mania organizadora, sua absoluta incapacidade para ter experiências, um certo tipo de ausência de emoção, de realismo exagerado. Quer, a qualquer preço, levar adiante uma suposta *Realpolitik* [...]. Se tivesse de reduzir a uma fórmula este tipo caráter manipulador – talvez não devesse, mas ajuda na compreensão – denominá-lo-ia de tipo da *consciência coisificada* (ADORNO, 1995, p. 115).

O caráter manipulador satisfaz à personalidade autoritária, fria, onipotente, coisificada, prontamente racionalista pelos seus interesses (ADORNO, 1995a; 1955b; 1966). Corresponde ao *modus operandi* da mente pragmática originária da ‘razão calculadora’ indicada por Adorno e Horkheimer em *Dialética do Esclarecimento* (1985). Trata-se do sujeito egóico, onipotente, individualista, narcisista – que não admite contrapor dialeticamente sujeito e objeto -, indiferente ao outro, lhe importa controle e dominação, pelo poder racionalista como gozo máximo; sua consciência coisificada leva a cabo “o futuro grandioso da desumanidade” (ADORNO; HORKHEIMER, 1995a, p. 116). Não obstante, Adorno ressalta: “Visando reagir contra a repetição de Auschwitz, parece-me essencial pôr a claro, em

primeiro lugar, como se forma o caráter manipulador, a fim de procurar logo, na medida do possível, impedir seu surgimento mediante a modificação das condições” (p. 116). Logo, o eixo central contrário à barbárie, à frieza e ao caráter manipulador é a educação contra a barbárie; a única maneira de impedir a incapacidade de amar devido à fetichização, coisificação e ao racionalismo lógico-formal em perspectiva desumana.

O tipo propenso à fetichização da técnica está representado por pessoas que, dito de modo simples, são incapazes de amar. Esta afirmação não tem um sentido sentimental nem moralizante; apenas se limita a descrever a insuficiente relação libidínica com outras pessoas. Trata-se de pessoas completamente frias, que devem negar mesmo em seu íntimo a possibilidade de amar e a rechaçam desde o princípio, ainda antes que se desenvolva seu amor pelas outras pessoas. E a capacidade de amar que, porventura, sobreviva nelas volta-se invariavelmente, para os meios (p.p. 118-119).

Logo, a extrema identificação coisificada do caráter manipulador com ‘coisas materiais’ é transferida para o ‘amor aos equipamentos tecnológicos’, o que remete a sujeitos objetificados que, segundo Adorno, ‘seriam vidrados em aparelhagens bonitas’: “Seu amor estava absorvido pelos objetos, pelas máquinas como tais” (1995a, p. 119). Tal sujeito coaduna com a frieza da barbárie racionalizada, segundo Adorno: “Certamente,

permitir-me-ão algumas palavras em relação à frieza em geral [...] não fossem as pessoas tão profundamente indiferentes em relação ao que sucede com os demais, com exceção de uns poucos, Auschwitz não teria sido possível, as pessoas não a teriam tolerado” (1995a, p. 119).

À vista disso, uma vez que a frieza é claramente o oposto da humanização, da possibilidade de se realizar experiências de amor conscientes, a indiferenciação revela, segundo Adorno (1995a) -, “incapacidade de amar”. Nesse sentido, silenciar e suportar a frieza reforça a adaptação a esta e perpetua a barbárie, posto que dificulta a identificação com a dor do outro: “Cada pessoa hoje, sem exceção alguma, sente-se demasiado pouco amada, porque cada uma só é capaz de amar demasiado pouco. A incapacidade de identificação foi, sem dúvida, a condição psicológica mais importante para que pudesse ocorrer algo assim como Auschwitz entre pessoas, em certa medida, civilizadas e inofensivas” (ADORNO, 1995, p. 120). Para Adorno (1995), por mais contraditório ou romântico que seja, de modo não simples e não-idêntico, o amor tem a chance de se opor à frieza e à indiferença pela identificação consciente e crítica do calor humano em oposição à dor e ao sofrimento.

Não me entendam mal. Não pretendo pregar o amor. Pregá-lo seria inútil: Ninguém teria o direito de fazê-lo, posto que a falta de amor hoje – já o disse – é uma falha de ‘todas’ as pessoas, sem exceção alguma, dentro de suas atuais formas de existência. A pregação do amor pressupõe naqueles aos quais se dirige uma estrutura de caráter diversa da que se quer modificar. Pois as pessoas as quais se deve amar já são incapazes elas mesmo de amar e, portanto, de modo algum são dignas de amor (ADORNO, 1995a, p. 120).

Posto isso, o fracasso da humanização em vista de seus valores revela a ordem social que reproduz teoria e prática em comportamento mimético, racionalista, indiferente, sempre-idêntico, em conceitos fixos e indigentes. Consequentemente a alienação pela falta de identificação consciente com o sofrimento alheio seria a causa da frieza histórica e contra isso, a formação humanista verdadeira não recuaria. “Se há algo que pode ajudar contra a frieza como condição de desgraça, seria a compreensão das condições que determinam seu surgimento e o esforço de combatê-las desde a sua formação no âmbito individual” (ADORNO, 1995a, p. 121). Por essa perspectiva, Crochík (2001) se refere à frieza recorrente analisada por Adorno: “Sem a frieza, nos diz esse autor, não é possível viver no mundo atual, repleto de sofrimentos, injustiças e humilhações, mas com ela essas maldições se perpetuam”. Apenas uma educação cultural verdadeira, consciente e

(auto)crítica poderia barrar essa frieza social em curso (CROCHÍK, 2001, p. 8).

Nessa medida, Adorno (1995a) destaca a educação infantil como raiz primordial a uma formação crítica e consciente contra a barbárie. Embora não se dispense atenção quanto à idealização da educação infantil, a identificação consciente com figuras de autoridade em idade menor contribuiria para a formação de uma maioria autônoma, solidária e autocrítica contra a frieza pelo amor. Apesar disso reconhecer - Adorno alerta -, que também aí ameaçam ilusões ideológicas como: "O incentivo de dar mais calidez aos filhos pelos pais torna-a artificial, e por isso mesmo, a nega" (p. 121). Portanto, o amor como satisfação social de modo obrigatório ou premeditado inverteria seu sentido. Até porque os pais, como autoridade máxima, não raras vezes estão despreparados para amar e isso se estende a outros tipos de autoridades em um sistema regido por forças produtivas em expansão capitalista (ADORNO, 1995a; 1995b). A maneira imediata e irreflexiva com a qual se lida com o amor reflete tal despreparo: "O amor é algo imediato e está, por essência, em contradição com as relações imediatas. A recomendação do amor - tanto mais na forma imperativa de que se deve amar - constitui em si mesma um componente da ideologia que eterniza a frieza" (ADORNO, 1995a, p. 121). Não obstante, continua o autor: "Dela fazem parte o caráter coercitivo e repressivo, que atua contra a capacidade de amar. Em consequência, o primeiro passo seria a

conscientização da frieza em si e apurar os motivos que conduziram a ela” (p. 121). Portanto, autocrítica e autorreflexão seriam atitudes formativas para experiências contra qualquer tipo de barbárie.

Destarte, o amor consciente e crítico em Adorno é coerente com sua concepção dialética sobre a realidade objetiva e política. Nessa medida, em que pese toda a tragédia humana do fascismo e a recorrência de regimes autoritários que deformam a consciência e ainda, apesar de contextos em que emergem indivíduos narcisistas e de personalidades com tendência antidemocrática, manipuladora e fria, há que se investir em “[...] possibilidades concretas de resistência” (ADORNO, 1995a, p. 122). Logo, a educação política compõe uma dessas possibilidades: “[...] toda e qualquer educação política deveria centralizar-se na necessidade de impedir que Auschwitz se repita” (p. 122). Portanto, se há perspectivas, há razão de ser na pretensão ao amor crítico aliado à Esperança como um elemento subjetivo contraditório, mas que no entanto, em termos objetivos, é possibilidade de verdade: “[...] a esperança é a única forma na qual a verdade se manifesta. Sem esperança seria impossível pensar a ideia de verdade” (ADORNO, 1993, p. 85). A esperança se opõe à indigente negação da dominação ideológica que desmitificaria a realidade: “No fim das contas - a esperança na medida em que arranca da realidade ao negá-la -, é a única forma na qual a verdade se manifesta” (ADORNO, p. 85). Não obstante, a esperança é a maneira de suportar o

horror da falta de amor. Com efeito, se o amor consciente possibilita experiências de autocrítica; mesmo diante da dominação, a esperança por sua vez incita à emancipação verdadeira, ao passo que o amor é desmistificado enquanto sempre-idêntico, indiferente. Se Adorno está correto, a esperança do vir-a-ser encontra-se no amor como inspiração formativa e política para a sociedade em diversidade, justiça, democracia e calor humano. Isso torna possível a reversão histórica da realidade fascista, afinal o amor não idêntico se revela como: “[...] a capacidade de perceber o semelhante no dessemelhante” (ADORNO, 1993, p. 167).

## Referências

ADORNO, T. **PALAVRAS E SINAIS: MODELOS CRÍTICOS 2**. TRAD: MARIA RUSCHEL. PETRÓPOLIS: VOZES, 1995A.

ADORNO, T. **SOCIOLOGIA**. TRAD: FLÁVIO KOTHE, AMÉLIA COHN & ALDO ONESTI. SÃO PAULO: ÁTICA, 1994.

ADORNO, T. **DIALÉCTICA NEGATIVA**. TRAD: JOSÉ M. RIPALDA. MADRID: TAURUS, 1984.

ADORNO, T. **MÍNIMA MORÁLIA**. TRAD: BICCA, L. E ALMEIDA, G. SÃO PAULO: ÁTICA, 1993.

ADORNO, T. **EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO**. TRAD: WOLFGANG MAAR. RIO DE JANEIRO: PAZ E TERRA, 1995B.

ADORNO, T. W. **SOBRE LA METACRÍTICA DE LA TEORIA DEL CONHECIMENTO – TRÊS ESTÚDIOS SOBRE HEGEL**. TRADUÇÃO: JOAQUÍN CHAMORRO MIELKE. OBRAS COMPLETAS. MADRID: AKAL, 2012.

HORKHEIMER, M. E ADORNO, T. **DIALÉCTICA DO ESCLARECIMENTO**. TRAD: GUIDO ALMEIDA. RIO DE JANEIRO: ZAHAR, 1985.

JAY, M. **LA IMAGINACIÓN DIALECTICA: HISTORIA DE LA ESCUELA DE FRANKFURT Y EL INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN SOCIAL**. MADRID: TAURUS, 1973.

LUKÁCS, G. GRANDE HOTEL 'ABISMO'. ARQUIVO LUKÁCS DO INSTITUTO DE FILOSOFIA. ACADEMIA HÚNGARA DE CIÊNCIAS, Nº 11/76. IN: **"TOTENTANZ DER WELTANSCHAUUNGEN"**. ED. I. T. ERDÉLYI, EM REVOLUTIONÄRES DENKEN. 1978.

CROCHIK, L. A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO E A DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO. **REVISTA NUANCES**; v. 7; n. 7, 2001.

FREUD, S. (1929/1930). EL MALESTAR EN LA CULTURA. IN: **OBRAS COMPLETAS**. V. 3, MADRID: BIBLIOTECA NUEVA, 1973.

SAFATLE, V. **GRANDE HOTEL ABISMO: POR UMA RECONSTRUÇÃO DA TEORIA DO RECONHECIMENTO**. SÃO PAULO: MARTINS FONTES, 2012.